

## AS PAISAGENS DESEJADAS E IMAGINADAS NA ARQUEOLOGIA DA CIDADE

Scott J Allen<sup>1</sup>

**Resumo:** Espelhando a multidisciplinaridade da arqueologia em geral, estudos urbanos reúnem diversos especialistas cujo objetivo geral é trazer um aspecto da cidade à luz do mundo contemporâneo, por exemplo, através da reformação de prédios antigos, revitalização de bairros históricos, recuperação de praças públicas, musealização de sítios arqueológicos e assim por diante. Arquitetos, engenheiros, historiadores, políticos, arqueólogos e muito mais grupos e indivíduos se envolvem nessa tentativa de valorizar a urbe, cada um com ideias e visões sobre o que ela representa, ou o que ela deveria representar. Essas visões são discutidas e implantadas variavelmente nos projetos que ocorrem nesse contexto, e postas em prática por especialistas. Nem mais nem menos importante nesse processo são os habitantes das cidades, pessoas às vezes com raízes seculares através das suas histórias familiares, bem como recém-chegados e visitantes, dando à cidade o dinamismo que possui. A discussão a seguir é uma reflexão crítica de estudos arqueológicos urbanos realizados no estado de Alagoas, cujos problemas e questões se aplicam mais abrangente.

---

### **Abstract:**

Mirroring the multidisciplinary nature of archaeology in general, urban studies combine diverse specialists whose objective is to bring to light specific aspects of the city to contemporary world, for example, by way of historical building restoration, renewal of historic districts, preservation of public squares, the musealization of archaeological sites and so forth. Architects, engineers, historians, politicians, archaeologists and a host of other individuals and groups are involved in this attempt to revitalize the *urbs*, each with ideas and visions about just what it represents or should represent. These visions are discussed and implanted variously in project proposals for these types of actions and put into practice by specialists. Neither more nor less significant in this process are the inhabitants of the city, people at times with secular familiar roots, as well as the recently arrived, providing the city with the dynamism that defines these places. The following discussion is a critical reflection about the questions and problems raised while undertaking urban archaeology in the state Alagoas, Brazil.

---

---

<sup>1</sup> Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

### **Arqueologia e o Forte Maurício, Penedo, Alagoas**

Não se sabe com exatidão a formação inicial do povoado que se tornaria Penedo, mas o que se sabe é que por volta de 1560 um descendente de Duarte Coelho fundou uma feitoria sendo essa data citada como o nascimento da cidade. A sua elevação à condição de Vila ocorreu em 1636. Um ano depois Penedo foi invadido pelos holandeses que permaneceram na região durante oito anos. Em setembro de 1645 os portugueses iniciaram a chamada reconquista contra os holandeses cuja expulsão foi encabeçada por João Fernandes Vieira, estando este a frente de vários combates em Pernambuco. As ordens dadas pelos portugueses eram de que arrasarem as fortalezas de Penedo e Porto Calvo.

Depois da expulsão dos holandeses e no decorrer do século XVIII Penedo cresceu em importância política e econômica. Sua posição geográfica no Rio São Francisco privilegiou esse crescimento que viabilizou a construção de um número expressivo de templos e prédios públicos e particulares.

Dada a sua importância histórica desde o século XVII, e constante crescimento até o segundo quarto do século XX, Penedo deverá oferecer grande potencial arqueológico para abordar diversas questões e problemas. Porém, a longa história de Penedo é conhecida apenas através de documentos históricos e de seu patrimônio arquitetônico impressionante. O reconhecimento desse manancial é expresso no amplo tombamento dos bens individuais e no Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico do IPHAN. Apesar da existência desse manancial arquitetônico, nunca houve estudos arqueológicos sistemáticos nas áreas tombadas.

Um trabalho auxiliar a arqueologia, e de grande importância para a eventual arqueologia de Penedo, foi realizado pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE, sob a coordenação de Marcos Albuquerque. Esse estudo comparou a cartografia e iconografia seiscentista com mapas atuais e dados geodésicos obtidos em elementos da paisagem, tanto naturais quanto antrópicos. Tais técnicas são de praxe na Arqueologia Histórica, mas nunca haviam sido empregadas em Penedo até então. Albuquerque e sua equipe conseguiram identificar o traçado urbano que

permitiu levantar uma hipótese sobre a localização do Forte Maurício, construído assim que os Holandeses consolidaram sua ocupação da cidade em 1637.

### **A Casa de Aposentadoria**

Reformas arquitetônicas iniciadas em 2008 e coordenadas pelo Programa Monumenta em Penedo proporcionaram a oportunidade realizar as primeiras escavações num centro urbano no Estado de Alagoas. O projeto contemplava diversas áreas e estruturas como: Igreja Nossa Senhora da Corrente, Mercado Público, Pavilhão da Farinha, Casa da Aposentadoria, Igreja de São Gonçalo; além de muitas praças públicas e outras obras. De interesse para essa discussão é a Casa de Aposentadoria que se localiza na Praça Barão de Penedo, uma área de prédios públicos e privados construídos no século 17-19.



Figura 1: 1ª linha: A Casa de Aposentadoria em reforma (2008) e reformada (foto, 2012); 2ª linha: Trincheiras dentro da Casa; 3ª Linha: Estrutura 3; Fundo: Conjunto arquitetônico na Praça Barão de Penedo. (fotos, NEPA). O estudo solicitado foi limitado ao acompanhamento, inclusive a realização de sondagens associadas às intervenções das obras. O andamento das obras de acompanhamento facilitou a investigação de questões mais pertinentes, particularmente considerando que não haveria outra oportunidade tão cedo que proporcionasse a investigação do subpiso da Casa ou seus arredores. Importante, dado a hipótese do Albuquerque que o forte Maurício fora localizado no local.

A equipe identificou uma secção do piso do salão onde abriu, inicialmente, uma trincheira, ampliada de acordo com as estruturas encontradas. Uma quantidade considerável de blocos de rocha arenosa foi identificada em toda área de escavação até os 30cm de profundidade. Esses blocos são utilizados até os dias atuais nas fundações para a construção das residências. Ou seja, dar para perceber a reutilização de materiais que é comum em contextos como esse e importante para a subsequente interpretação arqueológica.

As intervenções revelaram bastante material arqueológico e dois alicerces. O primeiro, designado Estrutura 1 (S1), segue em direção norte-sul e tem 30cm de largura, sendo expostos três metros lineares. O segundo alicerce (S2) é mais espessa que a S1 aos 66 cm, e segue norte-sul até uma virada para oeste na unidade C4/C5. Foram expostos aproximadamente 3,5 metros lineares desta estrutura. Os dois alicerces são assentados na rocha matriz.

Aproveitando a planejada remoção de um toco de árvore, decidiu-se para a escavação de uma sondagem em lugar que atualmente serve como uma espécie de mirante/ pracinha entre o prédio da prefeitura e a Casa de Aposentadoria.

Nesse mesmo espaço se encontra atualmente uma escada colada ao prédio da prefeitura que dá acesso a via que rodeia o penedo. Essa sondagem externa Oeste teve dimensões de 2,5 m por 3 m, chegando aos 180 cm de profundidade. Importante mencionar que a escavação foi encerrada a devido a questões burocráticas.

Desde a primeira decapagem, essa unidade se apresentou com uma grande quantidade de materiais arqueológicos modernos (por exemplo, fiação elétrica, objetos plásticos, garrafas de refrigerante e etc.) e areia e piçarra. A mistura de materiais datados em diversas épocas, do século XVII ao XX, evidencia atividades de aterramento considerável. A unidade revelou concentrações de blocos arenosos a 1 m. A primeira parecia ser um alicerce ou muro assentado acima do sedimento, porém a sua condição de conservação e o encerramento precipitado dos estudos impedem saber da sua associação cronológica bem como função. A segunda concentração, denominada Estrutura 3 (S3), é bem consolidada. Caracteriza-se por blocos arenosos, com uma fileira de blocos aparentemente talhados para formar uma estrutura proposital. Apresenta-se características da quina de um piso, ou talvez lareira, mas

isso é apenas especulação. Faz-se necessário uma ampliação da escavação, pois a estrutura e uma lente de sedimento escuro e orgânico prosseguem para baixo da praçinha.

Cumpridos os objetivos do trabalho técnico do Programa Monumenta, a tarefa principal gerou em torno da identificação das estruturas detectadas. Imediatamente, a população começou a sugerir que os arqueólogos haviam encontrado o Forte Maurício. Os dois alicerces e as estruturas da sondagem oeste certamente chamaram atenção, algo que se tornou o trabalho interpretativo muito público. Mesmo assim, a natureza das intervenções arqueológicas não providenciou dados suficientes para ter muita certeza quanto a associação cronológica, muito menos quanto a autoria da construção das estruturas identificadas.

Informações precisas sobre o primeiro edifício a ser construído no local após o desmantelamento do forte não foram encontradas no decorrer desse estudo. Sabe-se, porém, que para a elevação à categoria de vila, uma das primeiras preocupações do governo era a instalação da Casa de Câmara e Cadeia, do Pelourinho e da Igreja. De acordo com Francisco Salles (2003), a praça Barão de Penedo abriga o primeiro prédio oficial construído no território que viria a ser o estado de Alagoas. A cadeia pública, que data de abril de 1636, foi construída por ordem do ouvidor Lourenço de Azevedo Mota. A divisão do espaço interno se dava com a divisão de três celas: uma destinada aos homens, outra às mulheres e uma para os negros. A Casa da Câmara passou a funcionar no andar superior da cadeia. Anos mais tarde, já em 1782, foi mandado edificar, vizinha à cadeia, a Casa de Aposentadoria, onde se hospedaria os representantes do governo.

Quanto a interpretação das evidências obtidas do salão da Casa de Aposentadoria, um simples cartão postal auxiliou bastante quando comparada com fotografias históricas e as evidências arqueológicas. O que chama muita atenção foi a decisão de fazer uma restauração que dar a ilusão de que o prédio trata-se de uma única estrutura – reforma aparentemente iniciada por volta de 1889, mas mantendo algumas divisões externas. Percebe-se que a reforma realizada cerca da década 70 mascarou essas divisões.

A reforma concluída no início de 2012 mantém essa fachada unificada – dando ao prédio, e à praça uma paisagem modificada para atender os interesses ou necessidades de uma política patrimonial.



Figura 2: Cartão postal elaborado a partir de fotografias antigas, porém com a estrutura original (1781) idealizada. A Casa retoma e mantém essa forma idealizada desde a reforma da década 70.

Cedo demais para identificar a estrutura, S3, da sondagem externa oeste, e sua possível relação com o antigo Forte Maurício, mas a sua localização é intrigante caso que a superposição da malha urbana realizada pela equipe de arqueólogos da UFPE esteja válida. Podemos ver essa área da atual localização da Praça Barão do Penedo. Na imagem abaixo, fica aparente que as estruturas evidenciadas ao lado da Casa de Aposentadoria poderão ser vestígios de diversas construções desde o século XVII.

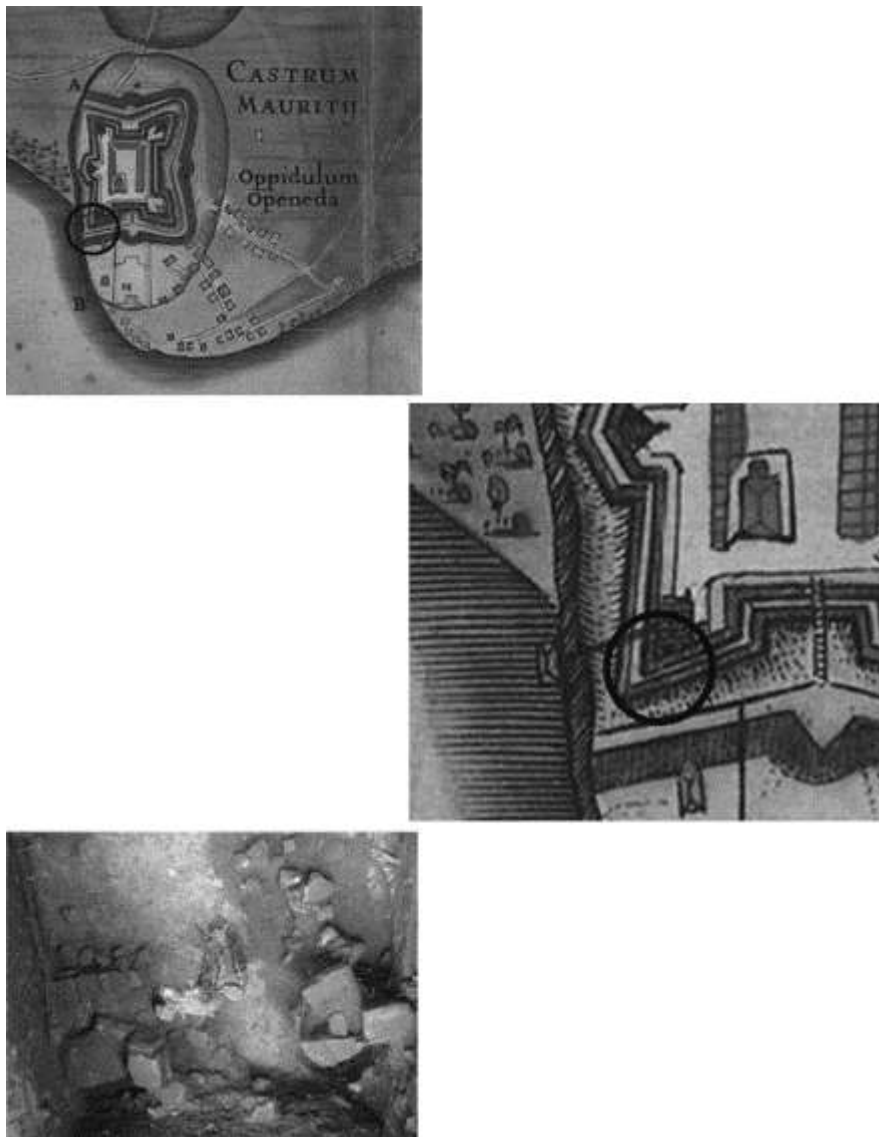


Figura 3: Estrutura arqueológica 3 e possível associação com Forte Maurício.

Nos estudos arqueológicos em Penedo tentamos atender a percebida necessidade de continuar um estudo iniciado por um colega, nesse caso o Marcos Albuquerque e um capítulo holandês na história de Alagoas. Mas, apesar do interesse do público de revelar esse passado, ficou evidente que a época holandesa não pôde competir com as manifestações do século XVIII, tangível e visível através do seu conjunto arquitetônico. É uma paisagem desejada e ativamente manipulada.



## **Holandeses e Porto Calvo**

A falta de uma base comparativa na interpretação de sítios na Zona da Mata alagoana necessita o estudo arqueológico nas cidades coloniais para a interpretação de quilombos e aldeias indígenas históricas. O objetivo dessa iniciativa foi identificar locais propícios a estudos arqueológicos futuros e melhor entender o registro arqueológico desses sítios, esperando que os resultados fossem úteis na construção de uma base comparativa regional – mais salientemente pela questão de entender a materialidade da região na época colonial.

A cidade de Porto Calvo foi fundada por Cristóvão Lins por volta de 1580 após sua guerra de extermínio de grupos indígenas e a expulsão de comerciantes de outras nações européias, particularmente os franceses. A urbe da cidade, a sua igreja matriz e um forte foram localizados acima de uma colina, cercado por quatro rios. Porto Calvo deve a sua fundação à economia açucareira – uma dependência que continua ainda hoje com a operação das grandes usinas regionais. Ao chegar, Lins fundou os primeiros engenhos da região. Um mapa do século XVII, elaborado durante a ocupação holandesa, aponta a quatro engenhos existentes naquele período. Vê-se, por exemplo, o engenho São Francisco, que acredita se ser o Escurial de hoje, e Nossa Senhora da Ajuda, que seria o atual Engenho Genipapo. No decorrer das pesquisas, não foi possível localizar o engenho São Cosme e, aparentemente, o engenho Alpoins foi demolido por completo pela instalação da Usina Santa Maria.

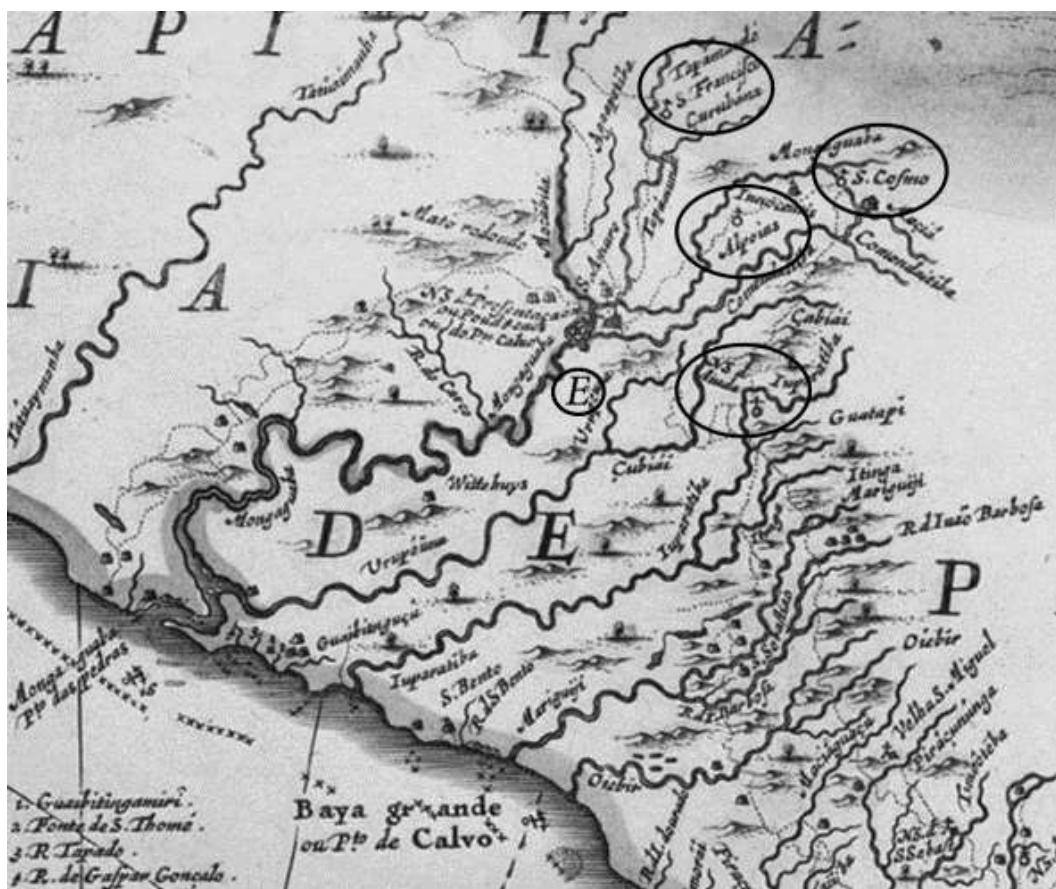


Figura 4: Recorte do mapa de Marcgraf com destaque para os engenhos do século 16, e Engenho Estaleiro ('E'), discutido mais adiante.

A metodologia foi voltada a obter uma visão geral dos sítios existentes que pudessem fornecer dados interessantes para a pesquisa regional. Além de obras primárias e secundárias publicadas sobre o tema, procurou-se identificar locais de interesse através dos arquivos municipais. Apesar do estado péssimo dos acervos, foram revelados detalhes de alguns engenhos, mas apenas os mais recentes (BARBOSA, 2013). Buscou se incorporar as falas dos moradores, tanto da cidade quanto dos engenhos. Além de informações úteis para os trabalhos de campo e na elaboração do contexto histórico dos locais estudados a equipe registrou histórias e lendas sobre a vida no engenho. Foram realizadas prospecções em locais de interesse, bem como a coleta de artefatos em superfície. O objetivo inicial dessas coletas foi determinar a cronologia geral de cada sítio, e de analisar seu potencial para pesquisas futuras mais amplas. Finalmente, em determinados locais, realizou se sondagens limitadas para averiguar a existência de estruturas e de obter materiais arqueológicos mais diagnósticos.

Alguns sítios não revelaram evidências em superfície propícias a uma interpretação cronológica, necessitando assim dessas intervenções.

### **Os Resultados e o Público**

Porto Calvo apresenta um contexto mais complexo onde os interesses e a ideia da paisagem urbana se contrastem com a de Penedo. Nessa cidade a pesquisa arqueológica foi voltada a questões ligadas a economia açucareira em geral e de trabalhadores escravizados em particular. A população e governo entendem que a arqueologia pode participar ativamente no resgate, e subsequente exposição da história local, mas desde que coincide com as histórias dadas como 'conhecidas'.

Os resultados foram divulgados por meio de atividades em campo e uma exposição na cidade. Havia uma exposição de fotos das pesquisas, artefatos, e as falas com as pessoas entrevistadas. A equipe tirou dúvidas para os visitantes e proporcionaram um meio animado e participativo. Olhando as fotos, crianças e adultos da cidade identificaram locais rurais onde passaram ou moravam e reconheceram parentes e amigos que contribuiram para o estudo.

Tive oportunidade de escutar diversas opiniões sobre nosso trabalho e a importância para a comunidade, mas a maioria dessas discussões não fez referência ao projeto realizado e exposto. Tratava de outra história, uma história considerada muito mais importante a julgar pela insistência pela população de começar imediatamente um projeto de Arqueologia nas ruas do centro.

O período holandês em Porto Calvo foi muito curto, apenas sete anos entre 1637 e 1644. Mesmo assim, é essa história que o povo quer descobrir, valorizar e mostrar aos turistas. Apesar de existirem muitos elementos da história popular, alguns se destacam. A identificação de locais físicos tem particular importância para a comunidade, já que são referências visíveis da passagem dos holandeses pela cidade. É essa a paisagem que, para muitos moradores, forma a identidade da cidade. A principal fonte da localização desses locais é a iconografia do período, a maioria dos quais conta a história da conquista da cidade por Maurício de Nassau no início de 1637. Nessas imagens, por exemplo, é fácil localizar na cidade atual diversos pontos da cidade colonial. A igreja matriz e o hospital, que foi o local do forte e também

conhecido como Alto da Forca. Em Porto Calvo, há uma paisagem imaginada a ser promovida e, nessa paisagem há uma personagem histórica e estruturas que são os protagonistas principais.

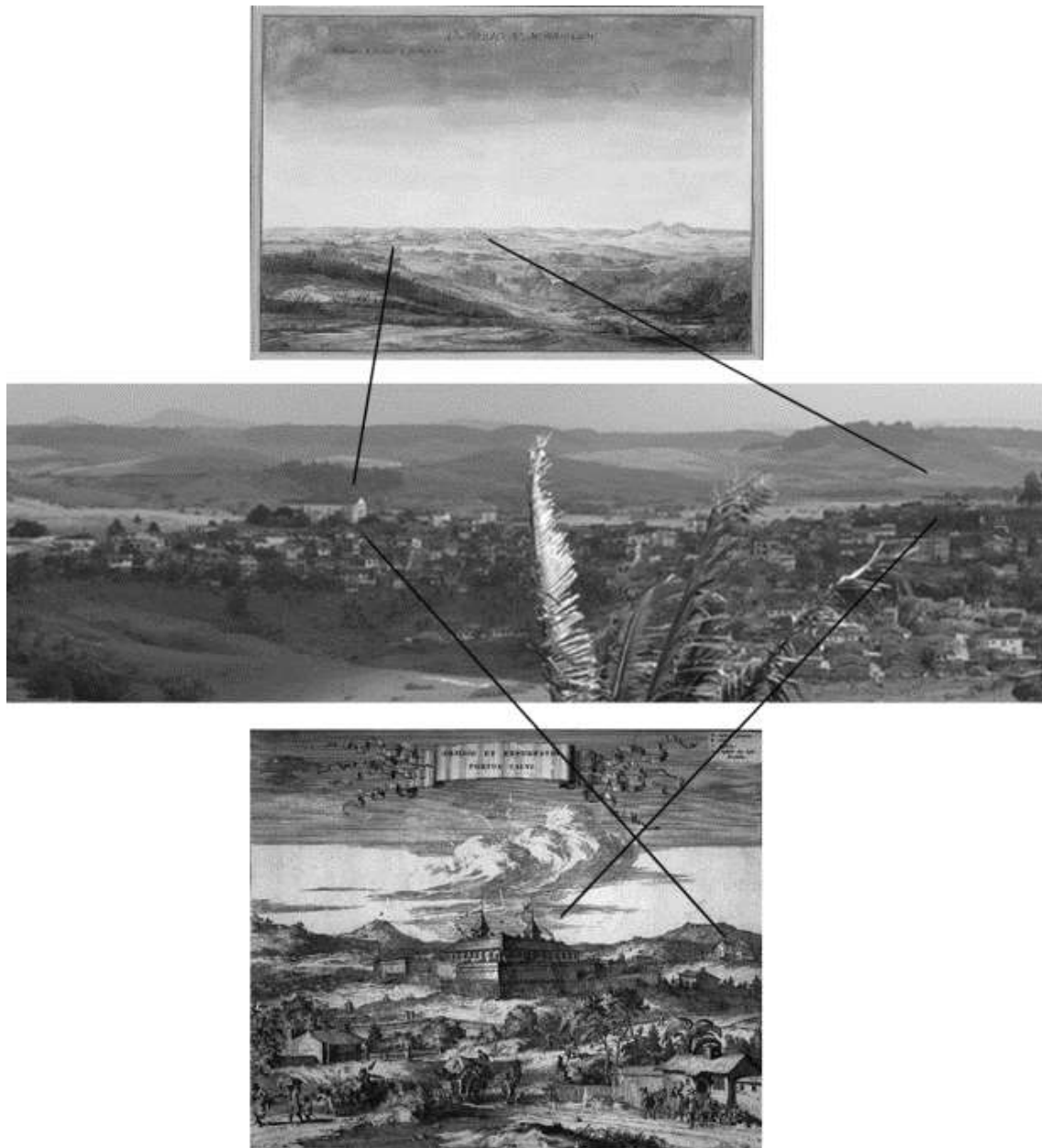


Figura 5: Imagens históricas de Porto Calvo e a paisagem atual.

## Calabar

O Francisco Calabar ajudou os holandeses nas suas conquistas no nordeste e é um herói, de acordo com o entendimento da comunidade, e não se discute isso localmente. Mesmo assim, sabe-se muito pouco da sua vida fora os anos que atuava como informante para os Holandeses. De acordo com Frei Calado, o Francisco Calabar teria nascido filho de um pai português que não conhecia. Casou-se com uma índia e teve um filho. Após uma das tentativas dos holandeses de tomar Porto Calvo em 1636, Calabar foi capturado pelos portugueses e enforcado numa área hoje chamada da Alta da Força (área do atual hospital). Não se sabe de onde vieram as informações, mas hoje em dia contam que o Calabar era senhor de diversos engenhos e manteve um casarão na cidade.

O símbolo de Calabar é tão importante que há discordância acerca da moradia dele na cidade. Alguns mantêm que morava numa casa pequena e humilde enquanto outros, apontando a sua importância, mantêm que apenas uma casa maior seria digna a seu status na sociedade colonial holandês. Dado a falta de documentação histórica, a Arqueologia não teria capacidade de precisar o antigo dono dessas casas e assim não necessitava entrar em tal debate.

Mesmo assim, no decorrer do projeto, precisava-se desmistificar uma dessas histórias. A história local conta que Calabar era senhor de diversos engenhos na região. Considerando que existia apenas cinco a sete engenhos (o número depende da fonte consultada) em Porto Calvo durante a primeira metade do século XVII, ele teria sido um homem de grande poder, importância e riqueza. Não se consegue confirmar a veracidade desta afirmação através das fontes contemporâneas. No entanto, um dos engenhos identificados como sítio arqueológico seria uma das propriedades do Calabar, de acordo com a população e historiadores locais.

O Engenho Estaleiro ('E', no mapa de Marcgraf acima) ainda mantém sua configuração original, e fabricava a cachaça Manguabinha até recentemente. A equipe realizou diversas sondagens no local, mais que necessário para o objetivo do estudo, principalmente porque as prospecções arqueológicas não revelaram nenhum dado que remete ao século XVII, a época do Calabar. Até a iconografia não indica ter existido um engenho no local, sendo a área dedicada ao pasto. Que esse lugar foi importante na economia açucareira e por consequente no desenvolvimento da cidade de Porto Calvo é aparente, porém somente no final do século

XVIII em diante. Logo, o nosso herói Calabar acaba ‘perdendo’ uma propriedade, pois faleceu uns 150 anos antes da construção do engenho, revelação que foi recebida com olhares desconfiados.

## **Túneis**

Acredita-se que exista uma rede de túneis que interligam diversos pontos da cidade, principalmente a igreja matriz, o forte e o rio. Esses túneis teriam servido como rotas de fuga em tempos de conflito. A existência dos túneis é um ‘fato’ histórico para a população e não é fora de razão. Em diversas cidades coloniais, passagens subterrâneas proporcionaram segurança para indivíduos e grupos, por exemplo, negros fugitivos, armazenamento de bens valiosos e materiais bélicos e até para o movimento eficiente de mercadorias. Espera-se em qualquer contexto arqueológico urbano detectar vestígios de estruturas, tais como alicerces, porões e poços cuja função pode ser desconhecida pelo leigo. Nestes casos, essas estruturas se tornam locais misteriosos, propícios à criação de lendas. Por exemplo, diz-se que quando os holandeses foram definitivamente expulsos do Porto Calvo, teriam armados os túneis, talvez para impedir a perseguição ou no intuito de proteger riquezas.

Apesar das suas linhas instigantes, as legendas dos mapas permitem entender o que está representado é a marcação de locais estratégicos das tropas holandeses e portuguesas que representa a batalha para Porto Calvo comandado por Nassau. Mesmo depois de sentar e traduzir a legenda para um cidadão da cidade – homem que quer muito descobrir os mistérios dos túneis – não consegui convencê-lo que não se tratavam de túneis.

## **O Papel da Arqueologia na Investigação dos Túneis**

Há bastante pressão para investigar a existência dos túneis de Porto Calvo e fica evidente que qualquer elaboração de um projeto de Arqueologia Urbana de Porto Calvo precisa contemplar, de alguma forma ou outra, a busca dos túneis, pois já se tornou um assunto inevitável. Assim, vale considerar os interesses da população nessa investigação. Primeiro, a Arqueologia servirá não para verificar a existência de túneis, mas sim para localizá-los, já que todo o mundo sabe que já existem. Segundo, como mencionado anteriormente, os holandeses teriam escondido armas e até riquezas nos túneis para evitarem que caíssem nas mãos dos Portugueses. A

coleção destes objetos servirá para expor em museu local, assim preservando e divulgando a história holandesa da cidade. Finalmente, a localização dos túneis servirá certamente, como ponto turístico.



Figura 6: Registos iconográficos da batalha para Porto Calvo. Nota-se as linhas na colina central.

Pensando mais criticamente sobre a arqueologia dos túneis, tem de considerar o seu significado além de apenas locais físicos. Na Fazenda Capricho, reza as origens de uma lenda regional. Historicamente, essa fazenda pertenceu a Dona Ofélia e Dona Lili, irmãs e viúvas, que dividiram as terras em dois engenhos, Engenho Coruripe (Dona Lili) e Engenho Capricho (Dona Ofélia). Segundo a moradora Senhora Amara, D. Lili gostava muito de cachorros e tinha uma cadelinha que era sua preferida, chamada Jujú. Depois de uma longa vida, Jujú adoeceu e faleceu. D. Lili, querendo dar um bom enterro a sua companheira mandou que fizessem um caixãozinho para que sua cadelinha fosse enterrada como um anjo, o que gerou revolta na população. A nossa informante contou que a Lili enterrou o cachorrinho na igreja matriz, Nossa Senhora da Apresentação.

Escuta-se o complemento dessa lenda na cidade: Logo depois do enterramento da cadela, houve uma série de acontecimentos não explicáveis, tais como barulhos e tremores por volta da igreja. O padre fez certas orações e tudo parecia ter acalmado. Mas, a cadela enterrada se virou serpente e até hoje ocupa os túneis. Quem viola a lacre do túnel deixaria a serpente escapar e o Porto Calvo será destruída.

Lemos nos documentos contemporâneos que havia um poço na colina, ou perto da igreja matriz ou atual hospital, que era tão profunda que merecia menção. No modo geral, poços e outras estruturas banais não chamaram a atenção de cronistas e historiadores da época. Esse local certamente teria representado um perigo por muitos anos, particularmente para crianças aventureiras. Cientes deste perigo, pais teriam dado motivos para que os seus filhos não chegassem perto do local. Dizem que um padre da igreja mandou tampar uma entrada ao túnel para evitar que alguém caísse – mas outra explicação é que havia algo misterioso e valioso a esconder.

É claro que uma razão prática da lenda da serpente seja pura especulação, mas lendas geralmente têm uma estrutura interna e contexto sócio-cultural e vejo essa possibilidade perfeitamente plausível. Independente da sua origem e contexto social para a sua fabricação, essa lenda (e outras) é repetida e contada para visitantes à cidade, tornando assim um patrimônio imaterial que serve em parte como complemento dos mapas, assim fortalecendo essa paisagem imaginada.



O confronto da materialidade das evidências arqueológicas com a imaterialidade de lendas cria um problema na disseminação de interpretações e afirmações arqueológicas bem como a forma de se divulgar essas ao meio público. Enquanto algumas estórias de Porto Calvo podem ser diretamente confrontadas (como o Engenho Estaleiro), a lenda da serpente é atrelada à existência de túneis. Independente do resultado de uma pesquisa arqueológica quer positiva ou negativa, corre o risco de desprezar a lenda. Mesmo assim, a comunidade quer que arqueólogos montem projetos para procurar a herança holandesa, dado como muito mais importante, inclusive, do que a história açucareira a qual se deve a sua existência como cidade.

### **Conclusão**

O papel de arqueologia nesses contextos é complexo. Em Penedo, a riqueza arqueológica foi reconhecida em todos os níveis: municipal, estadual e federal. As fachadas são bem cuidadas para manter a composição colonial do seu centro histórico. Apesar da Casa de Aposentadoria ser, de fato, uma edificação separada da câmara-cadeia, os governos de Penedo tem optado de mostrá-la como uma única edificação colonial integrada à paisagem desejada para o Centro Histórico. Investe-se muito na manutenção do seu manancial arquitetônico e a arqueologia lá serve essencialmente um papel burocrático, cumprindo exigências legais.

Em Porto Calvo, há uma paisagem imaginada onde se espera descobrir alicerces de fortes, moradias do Calabar, artefatos holandeses um sistema de túneis. Apesar de não serem visíveis, não há dúvida que existem. Nesse contexto, a arqueologia é visto como aliada no resgate desse passado.

Trabalhamos num meio social e político contemporâneo, e com isso existem múltiplas interesses na nossa produção. O que é importante para um, não é tanto para outro. No âmbito de estudos em cidades esses interesses se multiplicam, pois os trabalhos necessariamente envolvem uma pletera de profissionais e o público em geral e, com isso, diversas 'leituras' do que significa a cidade. Na arqueologia, as nossas interpretações às vezes não atingem as expectativas da comunidade, não por serem erradas, mas por não tratar dos seus interesses que frequentemente divergem dos nossos. Grande desafio, porém, será a implantação de programas de educação patrimonial nesses contextos; programas não voltado para colocar em

questão as lendas e interesses do local, mas para orientar o público sobre os limites e possibilidades de Arqueologia.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, S. J. A Serpente do Túnel (e outros desafios na arqueologia histórica de Porto Calvo). In: 1o Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana, 2009, Salvador. Anais do I Fórum Luso-Brasileiro da Arqueologia Urbana. Salvador: Fast Design, 2006. v. 1. p. 83-106
- ALLEN, S. J. Rota de Escravidão/Rota da Liberdade: A arqueologia da Diáspora Africana em Alagoas. Relatório de pesquisa arquivado no IPHAN e NEPA/UFAL (acesso público), 2008
- ALLEN, S. J., MIRANDA, K., SILVA, S., & TENÓRIO, R. Prospecção Arqueológica dos Engenhos Estaleiro e Escurial. Relatório de pesquisa arquivado no IPHAN e NEPA/UFAL (acesso público), 2007
- ALLEN, S. J.; FERRARE, J. O. P. ; NETO, W. M. L. ; SENA, V. K. . A Bica das Freiras. Clio. Série Arqueológica (UFPE), v. 26, p. 125-156, 2011.
- BARBOSA, R. Para o Povo Ver: A Materialidade dos Engenhos Banguês no Norte de Alagoas no Século 19. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- BARLEU, G. História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil. São Paulo: USP – Itatiaia Editora, 1974 [1647].
- CALADO, Frei Manoel. O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade. 2 volumes. Recife: CEPE, 2004 [1648].
- CARNEIRO, E. O Quilombo dos Palmares. São Paulo: Editora Nacional, 1988 (ver primeira edição em Português, 1947 para documentos anexos)
- COELHO, D. de A. Memórias Diárias da Guerra do Brasil. São Paulo: Beca, 2003 [1654]
- MELLO, J. A. G. de. Fontes para a História do Brasil Holandês, Volume II: Administração da Conquista. 2a edição. Recife: CEPE, 2004b.
- MELLO, J. A. G. de. O Tempo dos Flamengos. 4a edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004c.
- MELLO, J. A. G. de. Fontes para a História do Brasil Holandês, Volume I: A Economia Açucareira. 2a edição. Recife: CEPE, 2004a.
- SALVADOR, Frei Vincente do. História do Brasil, 1500-1627. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1982 [1627].
- SILVA, L. D. (org.). Alguns Documentos para a História da Escravidão. Série abolição, nº 11. Recife: Massangana, 1988.
- SOUZA, G. S. de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001 [1587].